

OFICINAS DE LEITURA: CAMINHOS PEDAGÓGICOS E CULTURAIS NO ENSINO PÚBLICO DE UBERLÂNDIA

STÉFANY RODRIGUES TAVARES

Estudante da Universidade Federal de Uberlândia, graduanda do curso de História no 7º período. Atualmente é bolsista no subprojeto PIBID- Educação Popular com ênfase em EJA.

E-mail: stefanyrtavares@gmail.com

ALINE DAIANE DINIZ FERREIRA

Estudante da Universidade Federal de Uberlândia, graduanda do curso de História no 7º período. Atualmente é bolsista no subprojeto PIBID- Educação Popular com ênfase em EJA. E-mail: aline_daiane08@hotmail.com

EMERSON VIEIRA LIMA

Estudante da Universidade Federal de Uberlândia, graduando do curso de Educação Física, no 4º período. Atualmente é bolsista no subprojeto PIBID- Educação Popular com ênfase em EJA.

E-mail: emerson.educafu75@gmail.com

JORGETÂNIA DA SILVA FERREIRA

Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1997), mestrado e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Atualmente é professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: professorajorgetania@gmail.com

Introdução

Vivemos um tempo de rápidas mudanças políticas e sociais que estão presentes no cotidiano. Assim propomos debates importantes da apropriação da escrita para a interação no mundo. Durante o desenvolvimento do subprojeto PIBID – Educação Popular com ênfase em EJA na Escola Estadual do Parque São Jorge, localizada na cidade de Uberlândia – Minas Gerais, pudemos perceber algumas dificuldades dos alunos com relação à interpretação, escrita e até mesmo a leitura em alguns casos. Tais dificuldades foram percebidas ao contribuímos no desenvolvimento do Projeto que visava à produção de cartas para participar do *Concurso Internacional de Cartas dos Correios*.¹ Juntamente com essas atividades, realizamos também uma oficina de Leitura e Escrita com estudantes da Instituição de Ensino supracitada ao fim de cumprir as atribuições ava-

¹ O concurso será melhor explicado ao decorrer do trabalho.

liativas da disciplina Estágio II, que alguns de nós estávamos realizando na Universidade.

Neste trabalho, pretendemos relatar essas atividades desenvolvidas na escola, demonstrar alguns resultados obtidos com as mesmas e fazer uma análise crítica embasada em alguns autores que discutem tais temáticas. Consideramos fundamental que a educação, nos dias atuais possa formar pessoas críticas e participativas, e não apenas preparadas para o mercado de trabalho. Na obra de István Mészáros², resultante de sua apresentação no Fórum Mundial de Educação, realizado em Porto Alegre no ano de 2004, o autor afirma que a educação deve qualificar para a vida, e não apenas para o mercado:

A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes.” (...) Em lugar de instrumento da emancipação humana, agora é mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema.³

Enfim, o presente trabalho pretende apresentar minimamente, através de algumas práticas culturais e educativas realizadas nas atividades desenvolvidas na Escola Estadual do Parque São Jorge, alternativas a fim de formar cidadãos para a vida.

Projeto Institucional de Elaboração de Cartas

Para situar o leitor deste trabalho, pretendemos fazer um breve resumo das atividades realizadas. O Concurso Internacional

² MÉSZÁROS, István. *A Educação para além do Capital*. 2ª São Paulo: Boitempo, 2008. 126 p.

³ MÉSZÁROS, István. *A Educação para além do Capital*. 2ª São Paulo: Boitempo, 2008.p.15.

de Cartas⁴ é promovido anualmente pela União Postal Universal (UPU) sediada na Suíça e possui o apoio dos Correios no Brasil. O concurso desenvolve-se em três fases: escolar, estadual e nacional. Na etapa estadual já ocorre premiações para as melhores cartas. A Escola Estadual do Parque São Jorge desenvolveu um Projeto Institucional para incentivar estudantes a participarem do concurso.

Iniciamos nossas atividades na escola contribuindo com esse projeto que a mesma já estava desenvolvendo em dois turnos: manhã e tarde. Como nosso período de atuação era o noturno, iniciamos o projeto com os alunos de até quinze anos que estudavam a noite.⁵ Reunimos os alunos para uma roda de conversa sobre o projeto, levamos uma estudante do 3º ano que estuda no período matutino e foi uma das ganhadoras da etapa estadual. A estudante conversou com os interessados, falando sobre a sua experiência de ter participado do concurso, incentivando-os a querer escrever também.

A partir dessa conversa começamos a reunir esses alunos diariamente para apresentar informações sobre o tema que pudessem ajudá-los a construir um texto. Utilizamos o espaço da biblioteca da escola, revistas, jornais, matérias retiradas da Internet e alguns livros didáticos. O tema do concurso do ano de 2013 foi “Água: um bem precioso”. A partir dele realizamos diversas conversas na qual os estudantes pesquisavam e falavam sobre o que estavam aprendendo. Após essa primeira etapa, imprimimos o formulário utilizado no concurso e cada um fez a carta para o destinatário que achasse melhor falando sobre a temática.

⁴ Mais informações sobre o concurso, acessar a página eletrônica: <http://www.correios.com.br/sobreCorreios/sustentabilidade/vertenteSocial/concursoInternacionalRedacao.cfm> Acesso em 01 de julho de 2013.

⁵ Esses alunos apesar de estarem na faixa etária de 15 aos 16 anos estudam a noite por trabalharem ou fazerem algum curso profissionalizante no período da manhã, impossibilitando que os mesmos frequentem a escola no período matutino, horário que a escola também oferece o Ensino Médio Regular.

Ao final dessa experiência recolhemos as cartas, lemos, corrigimos e auxiliamos na reescrita. Após a reescrita, entregamos as mesmas para a professora coordenadora do projeto para que essas cartas participassem da seleção. Iriam ser escolhidas três cartas para representar a escola na etapa estadual e, uma das cartas selecionadas na escola foi de um estudante do período noturno, sendo as outras duas do período da manhã. Esse aluno que teve a sua carta selecionada ficou muito feliz de ter sido escolhido e compareceu na escola várias vezes para poder aprimorar a carta ainda mais. Nós também nos sentimos muito realizados por poder contribuir com a seleção desse aluno, tendo em vista que o mesmo sequer iria participar do projeto.

Relatando um pouco da nossa experiência, ao trabalhar com os alunos do Ensino Médio em atividades diretamente relacionadas com a leitura, escrita e interpretação de textos, percebemos a dificuldade que os mesmo possuem de entender aquilo que estão lendo. Várias vezes durante as atividades, quando algum aluno iniciava alguma leitura, percebíamos a dificuldade inclusive na leitura e essas experiências nos inquietaram bastante. Ainda pensando nessas dificuldades que percebemos nos alunos do Ensino Médio, resolvemos preparar uma atividade para contemplar a disciplina Estágio II voltada para essa área a fim de contribuir com a formação de alunos com um melhor desenvolvimento em questões ligadas a leitura e interpretação, através de uma Oficina de Leitura e Escrita. Atividade esta, que relataremos melhor a seguir.

Oficina de Leitura e Escrita: Atividades Desenvolvidas com Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental

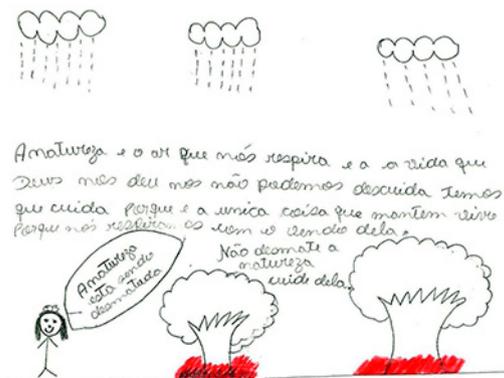
A partir de experiências vividas por nós no projeto já relatado acima, e aproveitando a oportunidade de desenvolver atividades relacionadas à disciplina Estágio II, iniciamos a elaboração da Oficina de Leitura e Escrita. Na disciplina que estávamos cursando, nós

teríamos que elaborar uma oficina de temática livre, de acordo com as pesquisas e constatações que havíamos chegado na disciplina anterior, Estágio I. Juntamente com a direção da escola, chegamos à conclusão que as maiores dificuldades dos alunos, de qualquer idade, estavam relacionadas à leitura, escrita e interpretação. A partir dessa constatação, iniciamos a Oficina de Leitura e Escrita, que foi realizada no contraturno dos estudantes participantes, no espaço físico da escola, o Laboratório de Ciências.

Ao todo foram quatro encontros. Cada encontro procuramos trabalhar com um gênero textual diferente: Música, charge, notícia, poesia e imagem. Nesses encontros os alunos eram incentivados a ler, a entender e posteriormente produzir os gêneros textuais que eram trabalhados durante os encontros. Essas atividades eram realizadas durante o período da oficina e posteriormente, se o tempo não fosse suficiente, os estudantes podiam levar as atividades e entregá-las no dia seguinte.

É importante ressaltar que para participar da oficina, os pais dos estudantes assinaram autorizações para que eles pudessem participar da oficina e também para veiculação de imagem para que os mesmos pudessem realizar as atividades, além de pedir autorização para poder utilizar essas atividades em trabalhos acadêmicos. Através desta é que possuímos a liberdade de mostrar alguns deles neste artigo:

Quadrinho produzido na Oficina de Leitura e Escrita⁶



♦ Agora que já discutimos acerca do tema e de como a sociedade lida com este, chegou a sua vez de se expressar e fazer um exercício crítico!

"Enquanto pessoas perguntam por que, outras pessoas perguntam por que não? Até porque não acredito no que é dito, no que é visto. Acesso é poder e o poder é a informação. Qualquer palavra satisfaz. A garota, o rapaz e a paz quem traz, tanto faz. O valor é temporário, o amor imaginário e a festa é um perjúrio. Um minuto reservado de murmúrio, de anestesia. O sistema é nervoso e te acalma com a programação do dia, com a narrativa. A vida ingrata de quem acha que é notícia, de quem acha que é momento, na tua tela querem ensinar a fazer comida uma nação que não tem ovo na panela que não tem gesto, quem tem medo assimila toda forma de expressão como protesto." (Xanê n°5.- O Teatro Mágico)

Escreva um pequeno texto a partir do que você compreendeu do fragmento acima.

"Inquietante pessoas perguntam por que, outras pessoas perguntam por que não? Até porque não acredito no que é dito, no que é visto. Acesso é poder e o poder é a informação. Qualquer palavra satisfaz. A garota, o rapaz e a paz quem traz, tanto faz. O valor é temporário, o amor imaginário e a festa é um perjúrio.

Encontro de gênero textual música⁷

⁶ Nesse encontro da Oficina de Leitura, levamos várias charges sobre temáticas atuais, e fizemos diversas análises dos textos, das temáticas e posteriormente cada aluno produziu um quadrinho ou charge sobre assuntos que eles achavam importantes de se discutir.

⁷ Trabalhamos a música "Xanê n°5" do grupo O Teatro Mágico, que aborda questões da mídia, televisão e também do comportamento e sentimento que as pessoas cultivam acerca da programação. A música possui uma letra bastante crítica e rica em detalhes. Utilizamos a letra da música impressa e também escutamos a música algumas vezes de acordo com a solicitação dos alunos. A atividade demonstrada acima foi realizada após a discussão. Mesmo assim podemos perceber que o autor da atividade apenas repetiu aquilo que estava escrito acima, sem acrescentar sua opinião.

A partir das vivências e experiências adquiridas nessa atividade, pudemos perceber grandes dificuldades também no Ensino Fundamental e tal aspecto é bastante preocupante porque nos textos produzidos observamos diversos erros de português, de concordância e muitos estudantes possuem dificuldades para formar frases. Nesse quadrinho que mostramos acima, podemos perceber desenhos não muito elaborados e textos com vários erros de escrita e que apenas expressam as idéias mais básicas que abordamos nas discussões. As discussões foram bastante interessantes, pois vários estudantes falavam e debatiam entre si, mas no momento em que esses alunos eram incentivados a escrever, as discussões pouco apareciam nos textos.

Não são apenas esses problemas. As dificuldades que conseguimos perceber foram resultantes de nossas percepções. As deficiências do sistema educacional vão muito além disso, sendo inclusive mais profundas e complexas.

Conclusão: Pensando a Educação Através da Experiência e Teoria

Embasados na experiência relatada acima, pretendemos agora fazer uma análise dessas experiências e relacioná-las com alguns autores que discutem a temática. Há algum tempo a educação vem sendo pensada tentando buscar melhorias significativas. A Lei das Diretrizes e Bases da Educação de 1961 (LDB) ⁸ possuíam o principal objetivo de inovar a escola e proporcionar um grande avanço. A partir desse momento, torna-se obrigatória e gratuita a frequência no fundamental de 07 a 14 anos, além de garantir uma autonomia maior dos órgãos estudantis. Logo em seguida a Lei nº5.540/68 e a Lei 5.692/71 ampliaram a importância da educação, trouxeram uma reforma para as diretrizes da mesma, aumentaram

⁸ BRASÍLIA. Governo Federal. *LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 abr. 2013.

o tempo de permanência na escola, dentre diversas outras mudanças. É interessante perceber que o espaço escolar estava em meio a todas essas modificações e influem significativamente nas formas de ensino que vão sendo construídas, inclusive na própria mentalidade das pessoas inseridas na educação.

Porém alguns autores defendem que estas são apenas mudanças formais e que não exercem tanto poder de mudança no sistema educacional, pois são mudanças que não modificam as estruturas e as instituições, mas a essência da educação permanece estagnada.

Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou “consenso” quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados.⁹

Mudanças na estrutura educacional, tais como projetos de incentivo, ou aprovação de leis são importantes para o desenvolvimento, mas a mudança deve partir da base para de fato fazer a diferença. De maneira nenhuma pretendemos questionar a importância do incentivo a educação no sentido de trazer melhorias cada vez mais significativas para mudar a realidade da educação brasileira, mas a mudança de pensamento age diretamente na essência da educação.

Tiago Adão Lara, em sua obra “A escola que não tive... O professor que não fui...” o autor ressalta sua opinião e experiências acerca do período em que era aluno e o processo que o fez se tornar um professor. O autor também debate um pouco acerca da pouca preocupação da educação enquanto tarefa profissional, acrescentando ainda que as preocupações eram muito voltadas para destacar as importâncias do processo educativo na vida do ser humano. Lara também ressalta a importância de discussões críticas estarem

⁹ MÉSZÁROS, István. *A Educação para além do Capital*. 2ª São Paulo: Boitempo, 2008, p.45.

presentes no âmbito escolar, pois o processo educacional interfere na formação política, social e ideológica do indivíduo. A partir desse pressuposto é que o autor defende o estudo e a discussão da educação como uma profissão. Uma profissão de suma importância.

A mudança também está presente na concepção de educação. Na obra de Lara, o autor utiliza-se da sua experiência para demonstrar os modelos da educação ao longo de sua trajetória de aprendizado. Uma educação doméstica, onde o pai, que possuía a profissão do magistério, educava os filhos, parentes e outras crianças da região através de um conteúdo imposto como uma verdade, e sua experiência na Igreja o fez perceber também que o conhecimento além de ser tratado como uma verdade era tratada como um dogma: A típica ideia do mestre detentor do conhecimento e da verdade, enquanto os aprendizes eram seres impossibilitados de transmitir conhecimento, apenas absorviam aquilo que lhes eram ensinados. Tal fato também podia ser percebido em fases do ensino mais avançados. No caso de Tiago Adão Lara, ao frequentar o curso de teologia, percebeu algumas mudanças no ensino:

Apesar de leituras mais amplas, de entrar em contato com divergências teológicas e filosóficas, manteve-se intacto em mim o princípio de que existem verdades prontas e acabadas, frente a destroços de erros, e o trabalho do professor e do aluno, num primeiro momento, se reduzia a definir o que era verdade e o que era erro.¹⁰

Atualmente há uma grande discussão acerca de tais posicionamentos, e também notamos diversas mudanças, que por sua vez, ao serem colocadas em prática vão apresentando também seus erros. Começa-se então a discutir a importância de exercer a crítica em sala de aula, mas ao decorrer do tempo, percebemos novamente que o sistema permanece o mesmo. Temos que partir do pressu-

¹⁰ LARA, Tiago Adão. *A escola que não tive... O professor que não fui...* São Paulo: Cortez, 2003.p.192

posto que o saber também é inacabado e é resultado da forma como ele é conduzido:

Significa isso admitir que, se no processo de produção do saber, os interesses entraram como discriminadores das pessoas, o resultado será uma discriminação também na ordem do poder e do fazer delas, na ordem da sua subjetividade como um todo. Em outros termos, não basta, teoricamente, falarmos de um olhar liberto que fuja à miopia da dominação, se no próprio ato do ensino, o fazer mantém o sistema do poder antigo, pela imposição da maneira de olhar.¹¹

As práticas educativas e culturais que utilizamos baseiam-se na Educação Libertadora de Paulo Freire. Não estamos no espaço escolar para exercer uma posição de comando, ou “domesticar” estudantes. O educador libertador não quer manipular opiniões, quer contribuir para a formação destas, inclusive a sua, e exerce responsabilidade sobre elas. O sistema educacional para comportar essas mudanças, além de tudo deve mudar a forma de agir, se interessar-lhe mudar a forma de pensar.

Falando um pouco da democracia do Brasil, HOLANDA: 2011 ressalta que tal prática fora rapidamente corrompida pelos brasileiros pelo simples fato da sociedade não estar madura o suficiente para poder utilizá-la da melhor forma e saber conduzirem-na. A democracia se corrompe pela falta de experiência e de instrução do povo. Assim como a alfabetização. HOLANDA: 2011 ressalta que *a simples alfabetização em massa, desacompanhada de outros elementos fundamentais, é uma arma de fogo posta nas mãos de um cego*¹². Ou seja, para que se possa ensinar algo, ou aplicá-lo, é neces-

¹¹ LARA, Tiago Adão. *A escola que não tive... O professor que não fui...* São Paulo: Cortez, 2003.p.196

¹² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Capítulo I – Fronteiras da Europa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª Edição 35ª reimpressão São Paulo: Companhia Das Letras, 2011. Cap. 1, p.166.

sário estar preparado para receber tal incumbência, pois, ter a ferramenta e não sabê-la usar corretamente, poderá acarretar sérias consequências. A alfabetização acaba tornando-se um instrumento utilizado para controlar a população, por esse motivo é importante a democratização dos espaço escolar, bem como a formação de pensamento crítico.

E hoje, tanto quanto ontem, contudo possivelmente mais fundamentado hoje do que ontem, estou convencido da importância, da urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores e educadoras entre quem inclui vigias, merendeiras, zeladores.¹³

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.¹⁴

Atualmente o que encontramos é a educação escolar utilizada como massa de manobra. Uma educação que prepara para o mercado de trabalho e desprepara para a vida em sociedade. Apesar da crítica atualmente está muito mais presente no âmbito escolar, muitas vezes, é deixada de lado para dar conta da infinidade de conteúdos do vestibular ou àqueles exigidos no mercado de trabalho, ou também é exercida apenas pelo professor por causa dessa prática não ser comum entre estudantes, habituados a ler e reproduzir, sem sequer mencionar a etapa do entender, refletir, problematizar, interpretar.

Nas atividades que tivemos a oportunidade de resolver pudemos perceber essas dificuldades que os alunos enfrentam. E para que tais dificuldades possam deixar de existir, a própria concepção

¹³ Pedagogia da esperança. P. 23

¹⁴ Pedagogia da Autonomia.p.39

daquela educação produtivista, tecnicista e em busca de resultados concretos deve deixar dar espaço para uma formação ampliada, que contribua para a participação ativa na sociedade para a busca de direitos e cultura da consciência democrática. A educação que liberta faz toda a diferença na vida em sociedade. Tais diferenças só serão possíveis de acontecer quando o diálogo e não a narração estiver presente no “chão da escola”. É através do diálogo que o indivíduo percebe sua real situação.

(O diálogo) tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor. O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos, é o conteúdo do diálogo.(...) Pretender a libertação deles sem sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra.¹⁵

Utilizando das palavras de Paulo Freire encerramos nosso trabalho. Nossa proposta baseia-se portanto na mudança de pensamentos e concepções no ambiente escolar através de práticas educativas diferentes, que não utilizem fontes tradicionais e promovam o aprendizado mútuo na sala de aula. Acreditamos que essas pequenas atitudes, feitas por muitas pessoas em diversos lugares, poderá promover mudanças grandiosas na educação e sociedade.

Referências Bibliográficas

BRASÍLIA. Governo Federal. LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 abr. 2013.

¹⁵ Pedagogia do oprimido.p.59

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 1ª Ed. 46ª Reimpressão São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 16ª Ed. 1ª Reimpressão São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 1ª Ed. 49ª Reimpressão São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Capítulo I – Fronteiras da Europa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª Edição 35ª reimpressão São Paulo: Companhia Das Letras, 2011. Cap. 1, p.166.

LARA, Tiago Adão. *A escola que não tive... O professor que não fui...* São Paulo: Cortez, 2003.

MÉSZÁROS, István. *A Educação para além do Capital*. 2ªEd. São Paulo: Boitempo, 2008.

SHOR, Ira; FREIRA, Paulo. *Medo e Ousadia: O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Coleção Educação e Comunicação. Vol. 18.